

“Greve contra dívida é um desserviço à Nação”, diz Bracher

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O presidente do Banco Central (BC), Fernão Bracher, viajou na noite de ontem para os Estados Unidos —, onde participa do Seminário sobre Dívida e Comércio promovido pelo Congresso norte-americano, em Nova York — mas deixou, antes de sair, um claro recado para as lideranças políticas e sindicais que planejam uma greve geral, pela suspensão do pagamento da dívida externa, no próximo dia 12.

“É um magnífico desserviço que se prestará ao País”, disse Bracher taxativamente a este jornal, lembrando que, se o não pagamento da dívida fosse a solução para os problemas, “já teríamos deixado de pagar, e não apenas nós, mas também outros países como a Argentina e o México”.

O presidente do BC entende que um movimento em prol da moratória — e esta bandeira, em sua opinião, serve apenas como bode expiatório para situações de política econômica interna que nada têm a ver com a dívida externa — atrapalha as negociações em curso em torno de um acordo com os credores e, além disto, “tira a credibilidade do País no exterior”.

Arma-se, em torno da questão da dívida externa, uma tática que na colocação de Bracher não é nova. “Ela será sempre proveitosa para o vencedor, situação por exemplo em que ficou Margareth Thatcher, da Grã-Bretanha, no episódio da Guerra das Malvinas.” A mobilização contra o pagamento da dívida externa está sendo convocada pela Central Geral dos Traba-

lhadores (CGT) de acordo com a nota divulgada ontem pela entidade. A Central Unica dos Trabalhadores (CUT), preferiu convocar a greve geral contra as medidas econômicas baixadas recentemente com vistas a ajustar o Plano Cruzado.

O presidente do BC, por enquanto, continua com suas atenções voltadas para a reunião que os membros do Clube de Paris vão realizar entre os dias 15 e 18 deste mês, da qual se espera um sinal positivo para que seja deslançado o processo de renegociação da dívida brasileira, tanto junto aos governos quanto junto aos bancos.

Prefere, portanto, contar com resultados favoráveis a partir do esforço que o governo vem empreendendo nos últimos meses para convencer os credores de que o Brasil tem condições de desenvolver a sua política econômica de ajuste interno sem o guarda-chuva do monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI). Por isto mesmo, Bracher não alimenta expectativas em torno de soluções para a questão da dívida dos países em desenvolvimento que possam surgir do seminário promovido pelo Congresso norte-americano, embora considere a iniciativa extremamente interessante. Ele estará acompanhando o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na viagem a Nova York.

O diretor da Área Bancária do Banco Central, Pêrsio Arida, também viajou para os Estados Unidos: ele foi convidado para uma exposição no painel “Perspectiva dos Países em Desenvolvimento”, programado para a tarde de hoje.